

reportagem cultural



ACERVO MUSICANTO/REPRODUÇÃO/JC

Canto da mulher comprometida

No estádio do Dinamo, em Santa Rosa, Mercedes Sosa cantou para mais de 15 mil pessoas, sob chuva fina

João Vicente Ribas *

Mercedes Sosa vivia um momento especial em sua carreira. Estava de volta à Argentina, após ser censurada e exilada por três anos em Paris e Madrid. Quem remonta àquela época é sua neta Araceli Matus, hoje presidente da fundação que cuida de seu legado. Ela atendeu à reportagem por chamada de vídeo, enquanto estava no Rio de Janeiro.

Araceli recorda que já em 1982, os militares permitiram que sua avó regressasse e se apresentasse no Teatro Ópera de Buenos Aires. “Foi a primeira vez que a música popular teve uma situação assim, de fazer 13 apresentações em um mesmo teatro, e ainda sob ditadura”, observa.

O Brasil já a reconhecia e ou-

via. Em 1980, Mercedes Sosa se apresentou 40 vezes aqui. “Então, na realidade me parece que o show em Santa Rosa foi como a cereja do bolo, porque ela tinha toda essa bagagem”, conclui.

Araceli Matus também é cantora e esteve no ano passado em Porto Alegre, convidada para o show Casa Ramil, quando pôde sentir o amor da plateia, relacionado à memória de sua avó. Ela tem proximidade com a família Ramil, de Pelotas, assim como sua avó teve.

Kleiton Ramil recorda quando foi a Buenos Aires convidar Mercedes Sosa para participar do disco *Kleiton & Kledir En Español*. “A generosidade de sempre. Batemos um papo, então fiquei cantando na sua frente. Naquela tarde, Mercedes escolheu *Vira virou* e

Semeadura para gravar no disco dela. E também aceitou o convite para cantar no nosso”, conta.

Araceli revela que o trabalho diário de Mercedes, além de cantar, consistia em encontrar novas canções. “Minha avó tinha o dom de antecipar quando uma canção poderia ser relevante. Ela provava ao vivo, via como as pessoas reagiam. E a partir daí decidia se gravava e de que maneira”, recorda.

Mercedes Sosa gravou 35 álbuns e inúmeros singles. Mesmo após sua morte, segue influente a partir de novos lançamentos de seu acervo. Recentemente foi sampleada pelo rapper Milo J, revelação atual da música argentina. “Essa massividade nos ajuda para que muita gente jovem, a quem nós não teríamos acesso, escute minha avó”, conclui.

Canto da mulher prometida

“Havia muita expectativa para aquele show”, revela Dilan Camargo, letrista da música vencedora daquele 2º Musicanto. Foi também um momento marcante para o nativismo gaúcho. No mesmo ano, em Cruz Alta, a canção *Morocha* havia vencido o festival da Coxilha. “Era uma letra misógina, tratava a mulher como uma coisa. E a letra que eu escrevi não tinha nenhuma intenção de resposta”, diz Dilan. No entanto, em *Canto da Mulher Prometida* a voz é feminina. “Querida contrapor a ideia de que as mulheres eram prometidas pelo pai, pela família, para alguém, e que elas não tinham escolha”, conta.

Embora contenha nos versos a palavra “cio”, que animaliza a mu-

lher e provocou bastante crítica, a canção segue sendo muito procurada por meninas, nos festivais de intérpretes. O autor sugere a substituição pela palavra “frio”.

Shana Müller já foi uma menina apresentando o *Canto da Mulher Prometida*, na Campareada Internacional do Alegrete. A cantora acredita que a música regional no Estado sempre foi carente de referências femininas. “Sempre fomos poucas mulheres. E a gente encontrar uma artista que tem esse alcance mundial, como é o caso da Mercedes, com essa linguagem regional, que guarda todas as origens dos povos originários, de um país que, mesmo colonizado, mantém viva uma linguagem que é do povo... Ela acabou sendo uma



ARACELI MATUS/DIVULGAÇÃO/JC

A neta Araceli Matus gerencia o legado da avó na Fundação Mercedes Sosa

referência para nós”, afirma.

Em 1984, Shana ainda era

Na virada dos tempos

Kleiton Ramil não estava em Santa Rosa em 1984, mas sua canção foi uma das protagonistas. *Vira virou* era um sucesso no Brasil, gravada pelo grupo MPB-4. A dupla Kleiton & Kledir também havia cantado-a em abril no Comício da Candelária, que reuniu mais de um milhão de pessoas na campanha das Diretas Já. “Eu não fiz a música com essa intenção, mas fiquei muito feliz que ela foi abraçada como um símbolo de mudança. A expressão ‘vira virou’ encaixou bem com a questão de mudar para tempos melhores”, avalia.

Mercedes Sosa foi um ídolo que Kleiton Ramil teve a oportunidade de conviver. De ouvinte a parceiro de palco, conheceu La Negra em 1981, no Festival Internacional de Varadero (Cuba), ao lado de Chico Buarque e Nara Leão, entre outros artistas.

Dos momentos em que esteve com Mercedes, Kleiton guardou a lembrança de uma pessoa muito sensível, além de um caráter muito forte. “Eu lembro que ela chorava muito, quando a gente conversava so-

bre política, porque lembrava dos amigos que tinham morrido. Era uma figura que todos respeitavam. Nas entrevistas, ela se posicionava sempre com muita coragem”, conclui.

Kleiton revela que compôs recentemente em parceria com Araceli Matus, neta da Mercedes, que irá participar do próximo disco da dupla Kleiton & Kledir. Vão ser 12 músicas, com produção do sobrinho Ian Ramil. A canção inédita se chama *La Voz de América*, uma homenagem a Mercedes Sosa.

De acordo com Araceli, sua avó não foi uma militante do feminismo em si, mas usava a sua voz para dar conta da realidade das mulheres. “Em um dos jornais mais importantes da Argentina, saiu uma matéria em que ela dizia ter feito seis abortos, nos anos 1990”, acrescenta.

Desde 2019, existe uma lei de cota mínima feminina nos palcos argentinos. Qualquer programação deve ter uma determinada porcentagem de mulheres. Informalmente, foi chamada de Lei Mercedes Sosa.



ACERVO KLEITON RAMIL/REPRODUÇÃO/JC

Kleiton & Kledir gravaram com Mercedes Sosa naquele ano

pequena, mas seus pais colecionavam os vinis da argentina e foram assisti-la no Musicanto. “Tenho esse relato deles, do quão incrível foi ver a Mercedes”, afirma.

Logo no início da carreira, Shana teve a oportunidade de conhecer La Negra em Córdoba, durante o festival de Cosquín. Ao lado de Luiz Carlos Borges, foi convidada para um jantar com a ídola. Recorda que chorou, cantou pra ela e conversou sobre música brasileira, em especial sobre a falta que Elis Regina fazia. Então Mercedes deu um conselho. “Todas as vezes que tu estiveres no palco, nunca deixe de lado a responsabilidade que é ter um microfone na mão, o poder de transformar as pessoas, de tocar o coração. E eu acho que o grande legado da Mercedes é esse”, lembra.

Atualmente, Shana participa

de um grupo de artistas gaúchas que buscam expressar seu eu lírico. Em 2019, começou o Peitão, festival que reúne somente mulheres para um exercício de composição e que estreia em julho uma turnê por quatro cidades. “Sempre fomos muito desse lugar de intérprete, poucas instrumentistas, raríssimas compositoras. Mas eu vejo agora o cenário realmente se transformando”, aposta.

Nesta cena, está Tatiéli Bueno, que apresenta um espetáculo tributo a Mercedes Sosa há 12 anos. Natural de Dois Lajeados, nem era nascida em 1984, mas escuta muito as pessoas falando desse festival. “Em todo show que faço, eu escuto: ‘ah, mas eu assisti ela no Musicanto, ah, ela veio para o Musicanto’”, diz. No dia 15 de julho, Tatiéli leva esse tributo ao Teatro Oficina Olga Reverbel, em Porto Alegre.